

O PODER DO FAZ DE CONTA: COMO AS BRINCADEIRAS SIMBÓLICAS POTENCIALIZAM A APRENDIZAGEM NA PRÉ-ESCOLA

Denise Delello¹, Fabiani Rodrigues de Almeida², Flávia Maria Correa Santos Garrido³, Joseli Cristina Ribeiro Perez⁴, Karina Maria Coleta Keppe Salatino⁵, Mariana Cristina Migliatti Corso⁶

¹*Secretaria Municipal da Educação, São Carlos, Brasil*
(denisepedro.lello@gmail.com) ²*Secretaria Municipal da Educação, São Carlos, Brasil,*
³Secretaria Municipal da Educação, São Carlos, Brasil, ⁴*Secretaria Municipal da Educação, São Carlos, Brasil,*
⁵Secretaria Municipal da Educação, São Carlos, Brasil, ⁶*Secretaria Municipal da Educação, São Carlos, Brasil.*

Resumo: Este artigo discute o papel das brincadeiras simbólicas, especialmente o faz de conta, na aprendizagem e no desenvolvimento integral das crianças na pré-escola. Fundamentado em autores como Vygotsky e Piaget, e nos documentos oficiais da educação brasileira, o estudo destaca a importância do brincar como prática pedagógica essencial, analisando seus desafios e potencialidades na atuação docente.

Palavras-chave: Educação Infantil; Brincadeira simbólica; Desenvolvimento infantil; Prática pedagógica.

INTRODUÇÃO

A infância constitui-se como uma fase singular no desenvolvimento humano, marcada pela ludicidade, pela criatividade e pela construção de sentidos a partir das interações sociais e culturais. Nesse contexto, as brincadeiras simbólicas, comumente denominadas de brincadeiras de faz de conta, emergem como práticas fundamentais no processo de desenvolvimento e aprendizagem na Educação Infantil. Longe de serem atividades meramente recreativas, essas experiências lúdicas possibilitam que a criança explore papéis sociais, elabore

situações do cotidiano, desenvolva habilidades cognitivas, socioemocionais e amplie sua compreensão sobre o mundo.

De acordo com Vygotsky (1989), o faz de conta representa uma atividade essencial no desenvolvimento infantil, na medida em que permite à criança transcender o presente imediato, exercitar a imaginação e internalizar conceitos e práticas sociais. Por meio da simulação de situações, da atribuição de significados e da representação de papéis, as crianças não apenas manifestam sua criatividade, mas também constroem conhecimentos, desenvolvem a linguagem, fortalecem vínculos e aprendem a negociar regras, limites e perspectivas.

Entretanto, observa-se que, no cotidiano escolar, as brincadeiras simbólicas ainda são, por vezes, subvalorizadas ou tratadas como momentos acessórios, dissociados dos processos intencionais de ensino e aprendizagem. Tal cenário revela a necessidade de repensar concepções pedagógicas que priorizam práticas conteudistas em detrimento de experiências significativas e integradoras, capazes de promover o desenvolvimento integral da criança, conforme preconizam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017).

Diante desse panorama, este artigo tem como objetivo refletir sobre o papel das brincadeiras simbólicas na Educação Infantil, especialmente na etapa da pré-escola, analisando de que forma o faz de conta se constitui como um instrumento potencializador da aprendizagem e do desenvolvimento integral da criança. Para isso, o estudo se fundamenta em aportes teóricos de autores como Vygotsky, Piaget e Kishimoto, bem como nas orientações legais que norteiam a prática pedagógica na Educação Infantil no Brasil.

METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa e de natureza bibliográfica, cuja finalidade é analisar, por meio da revisão de literatura, o papel das brincadeiras simbólicas na aprendizagem e no

desenvolvimento integral das crianças na pré-escola. Segundo Gil (2019), a pesquisa bibliográfica consiste na análise de contribuições teóricas já publicadas, sendo um método eficaz para a construção de reflexões críticas e fundamentadas sobre temas educacionais.

A opção por uma abordagem qualitativa justifica-se pela natureza interpretativa do objeto de estudo, que exige uma compreensão profunda sobre os significados atribuídos ao brincar simbólico no contexto da Educação Infantil. Conforme aponta Bogdan e Biklen (2018), a pesquisa qualitativa tem como propósito a interpretação dos fenômenos sociais a partir da perspectiva dos participantes e das produções culturais que os envolvem, no caso deste estudo, as práticas pedagógicas e os discursos sobre o brincar.

Para a construção do referencial teórico, foram selecionadas obras de autores clássicos e contemporâneos que discutem o desenvolvimento infantil e a importância do brincar, tais como Vygotsky (1989), Piaget (1998), Kishimoto (2019), Oliveira (2021) e Souza (2022). Foram utilizados documentos oficiais que orientam a prática pedagógica na Educação Infantil no Brasil, como a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI (BRASIL, 2010).

A seleção das fontes foi realizada por meio de buscas em bases de dados acadêmicas como Scielo, Google Acadêmico e periódicos da área de Educação, utilizando palavras-chave como “brincadeira simbólica”, “faz de conta”, “educação infantil”, “aprendizagem lúdica” e “desenvolvimento infantil”. Os critérios de inclusão consideraram publicações dos últimos dez anos, priorizando estudos com relevância teórica e empírica para o tema.

O processo de análise seguiu os princípios da análise de conteúdo proposta por Bardin (2016), permitindo a organização dos dados em categorias temáticas, de modo a favorecer a compreensão crítica das contribuições teóricas sobre o papel do faz de conta no cotidiano da pré-escola.

1. O Brincar Simbólico na Educação Infantil: Fundamentos e Conceitos

O brincar é reconhecido como uma atividade fundamental para o desenvolvimento infantil e, por isso, constitui um dos pilares das práticas pedagógicas na Educação Infantil. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017) reafirmam o direito da criança de brincar, compreendendo o brincar não como mero passatempo, mas como expressão legítima da cultura infantil e como prática central na construção do conhecimento.

Dentre as múltiplas formas de brincar, o brincar simbólico, também denominado faz de conta, assume papel de destaque por representar uma atividade em que a criança mobiliza intensamente a imaginação, a linguagem e a capacidade de abstração. Nesse tipo de brincadeira, a criança atribui novos significados a objetos, espaços e ações, representando situações reais ou fictícias de forma criativa e intencional. Segundo Vygotsky (1989), o faz de conta possibilita à criança operar em um plano simbólico superior ao de sua vivência imediata, o que contribui diretamente para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, como atenção, memória, pensamento e linguagem.

A partir da teoria do desenvolvimento cognitivo de Piaget (1998), compreende-se que o brincar simbólico está associado ao estágio pré-operatório, caracterizado pelo surgimento da função simbólica, isto é, a capacidade de representar mentalmente objetos e ações por meio de símbolos, gestos, imagens ou palavras. Nesse processo, a criança projeta e reconstrói suas experiências, desenvolvendo habilidades cognitivas fundamentais como a imitação, a representação e a dramatização.

Para Kishimoto (2019), o faz de conta é um campo privilegiado de expressão da subjetividade infantil, no qual a criança pode experimentar papéis sociais, elaborar emoções e conflitos, e construir significados em interação com o outro e com o mundo. Trata-se, portanto, de uma atividade que articula aspectos afetivos, sociais e cognitivos, favorecendo uma aprendizagem significativa, contextualizada e coerente com as especificidades do desenvolvimento infantil.

Ademais, o brincar simbólico constitui-se como uma linguagem própria da criança, por meio da qual ela comunica ideias, sentimentos e percepções. Nessa

perspectiva, Oliveira (2021) destaca que a escuta atenta e sensível do educador às narrativas presentes nas brincadeiras simbólicas permite compreender como a criança vê o mundo e como organiza suas experiências. Assim, ao invés de serem consideradas atividades acessórias, essas brincadeiras devem ser planejadas, incentivadas e mediadas intencionalmente pelo professor, como estratégias potentes para a construção do conhecimento e o desenvolvimento integral da criança.

Portanto, compreender o brincar simbólico em sua complexidade exige superar visões reducionistas que o associam apenas ao entretenimento ou à socialização. É necessário reconhecer que, por meio do faz de conta, a criança mobiliza estruturas mentais sofisticadas, apropria-se de elementos culturais, constrói identidade e amplia sua compreensão sobre a realidade, o que reafirma seu papel central no currículo da Educação Infantil.

2. Aprendizagem e Desenvolvimento por Meio do Faz de Conta

O brincar simbólico constitui uma das formas mais complexas e significativas de expressão e aprendizagem na infância. Longe de ser uma atividade superficial, o faz de conta permite que a criança mobilize um conjunto articulado de competências cognitivas, afetivas, sociais e linguísticas, atuando como um mediador poderoso no processo de desenvolvimento integral. É por meio dessa brincadeira que a criança cria mundos possíveis, simula situações da vida cotidiana, reelabora experiências, projeta desejos e vivencia, em segurança, emoções e papéis sociais.

Vygotsky (1989) defende que o faz de conta cria condições para que a criança opere em uma **zona de desenvolvimento proximal (ZDP)**, isto é, o espaço entre aquilo que a criança consegue realizar sozinha e aquilo que ela pode realizar com o apoio de um adulto ou de um par mais experiente. No brincar simbólico, a criança ultrapassa os limites de sua ação imediata e passa a agir de acordo com significados internalizados, regulando suas ações com base em normas sociais imaginadas. Como argumenta o autor:

No brinquedo, a criança se comporta além do comportamento habitual da sua idade, como se fosse maior do que ela mesma. Como na lente de aumento, o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento em forma condensada. [...] No brinquedo, a criança vive numa esfera ilusória, mas, ao mesmo tempo, ele requer que a criança observe regras, mesmo que sejam criadas por ela mesma. O brinquedo cria uma zona de desenvolvimento proximal da criança. (VYGOTSKY, 1989, p. 110-111)

Esse processo evidencia o potencial formativo do faz de conta, pois, ao assumir papéis como o de mãe, médico, professor ou herói, a criança exercita habilidades sociais, como empatia, cooperação, negociação e resolução de conflitos. Segundo Oliveira (2021), o brincar simbólico é também uma prática discursiva: ele exige o uso da linguagem para narrar, convencer, organizar ideias e comunicar intenções. Dessa forma, o faz de conta atua diretamente no desenvolvimento da oralidade, da escuta ativa e do pensamento simbólico.

Além brincadeira simbólica tem forte impacto na regulação emocional da criança. Em estudo recente, Souza (2022) analisa como o faz de conta permite à criança processar emoções difíceis, como medo, raiva ou frustração, por meio da dramatização. Para a autora:

“O brincar simbólico oferece um espaço de segurança emocional, onde a criança pode nomear sentimentos e experimentar diferentes respostas emocionais, sem o peso da realidade imediata”
(SOUZA, 2022, p. 45).

Piaget (1998), embora com enfoque distinto de Vygotsky, também destaca a importância das representações mentais no desenvolvimento cognitivo da criança. Para ele, o brincar simbólico faz parte da inteligência representativa, que

se manifesta na capacidade de simular situações e atribuir significados a objetos e ações. Embora Piaget não atribua à interação social o mesmo papel central que Vygotsky, ambos convergem ao reconhecer o faz de conta como marco importante na formação da consciência e no amadurecimento das estruturas cognitivas.

A BNCC (BRASIL, 2017), alinhada a essas concepções, reforça que as experiências com o faz de conta contribuem diretamente para o desenvolvimento das competências socioemocionais, do pensamento criativo e da construção de repertórios culturais. Os campos de experiência “O eu, o outro e o nós” e “Escuta, fala, pensamento e imaginação” dialogam diretamente com o brincar simbólico, pois propõem que a criança, ao dramatizar situações vividas ou imaginadas, desenvolva consciência de si, do outro e do meio em que está inserida.

É importante destacar, contudo, que o potencial pedagógico do faz de conta não se realiza de forma automática. Requer-se intencionalidade educativa por parte do professor, que deve planejar o ambiente, oferecer materiais diversos e estar atento às interações que emergem durante o brincar. Como afirma Kishimoto (2019), o educador precisa compreender que o jogo simbólico não é uma pausa na aprendizagem, mas uma forma própria da criança aprender, através da qual ela experimenta, elabora e reconstrói saberes em interação com os outros e com o mundo.

Dessa maneira, o faz de conta revela-se como um espaço pedagógico privilegiado, onde a criança não apenas “brinca de aprender”, mas aprende brincando, construindo significados, organizando o pensamento, comunicando ideias e se constituindo como sujeito ativo em seu processo de formação.

3. A BNCC e a Valorização do Brincar na Pré-escola

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) representa um marco importante para a valorização do brincar como prática pedagógica essencial na Educação Infantil. De acordo com o documento, a infância deve ser respeitada em sua singularidade, sendo o **brincar reconhecido como um dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças** (BRASIL, 2017). Nesse

sentido, a BNCC reafirma que as práticas pedagógicas devem ser organizadas a partir de experiências significativas, nas quais o brincar simbólico ocupe um espaço central.

Ao estabelecer os **campos de experiência** como organizadores curriculares da Educação Infantil, a BNCC reconhece o brincar simbólico como meio de desenvolvimento de múltiplas competências. Em especial, os campos “**Escuta, fala, pensamento e imaginação**” e “**O eu, o outro e o nós**” dialogam diretamente com as práticas de faz de conta, ao promoverem a ampliação da linguagem oral, a construção de identidade, o respeito às diferenças e o exercício da convivência.

No brincar de faz de conta, a criança utiliza a imaginação como instrumento para representar e reinterpretar o mundo. Como aponta Oliveira (2021), o brincar simbólico amplia o repertório da criança, permite que ela narre experiências, expresse sentimentos e explore diferentes perspectivas de um mesmo fenômeno. Ao brincar de casinha, escola, médico ou super-herói, por exemplo, ela incorpora papéis sociais, ressignifica relações familiares e institucionais, e desenvolve empatia e criatividade.

Kishimoto (2019) destaca que o reconhecimento do brincar pela BNCC como eixo estruturante da prática pedagógica rompe com visões tradicionais que tratavam o jogo como algo secundário ou desvinculado do processo de aprendizagem. Ao contrário, a proposta curricular atual exige que o educador reconheça o valor epistêmico e formativo das brincadeiras simbólicas, organizando contextos de aprendizagem que favoreçam a livre expressão, a construção coletiva e o protagonismo infantil.

No entanto, o desafio está na **transposição das orientações curriculares para a prática cotidiana**. Em muitas instituições, ainda se observa a priorização de atividades conteudistas ou a utilização do brincar apenas como intervalo entre “tarefas pedagógicas”. Essa contradição revela o quanto é necessário investir na formação inicial e continuada dos professores, para que possam compreender o brincar não como pausa no aprender, mas como **próprio caminho para a construção do conhecimento**, conforme defende Souza (2022).

Dessa forma, a BNCC oferece respaldo legal e conceitual para a valorização do brincar simbólico, mas sua efetivação depende da ação docente consciente, intencional e sensível ao universo infantil. Cabe ao educador mediar experiências significativas, observando, escutando e respeitando os sentidos que a criança atribui ao seu brincar.

4. Desafios e Possibilidades para a Prática Docente na Pré-escola

A promoção de práticas pedagógicas que valorizem o brincar simbólico exige do professor não apenas conhecimento teórico, mas também **postura reflexiva, escuta sensível e intencionalidade educativa**. O educador da Educação Infantil é, antes de tudo, um mediador das experiências infantis, e sua atuação é determinante para que o faz de conta seja compreendido como ferramenta de aprendizagem, e não como simples recreação.

Um dos principais desafios enfrentados na prática docente é a **pressão por resultados e antecipação de conteúdos escolares**, que muitas vezes reduzem o tempo destinado ao brincar, em especial ao faz de conta. Essa realidade, motivada por políticas avaliativas e expectativas familiares, acaba por fragilizar o compromisso com uma pedagogia da infância centrada na ludicidade e na escuta da criança (OLIVEIRA, 2021).

Além disso, a **formação inicial de professores** ainda apresenta lacunas significativas quanto à compreensão do brincar como linguagem e como forma de construção do conhecimento. Muitos docentes ingressam na prática sem o repertório teórico necessário para interpretar e mediar as brincadeiras infantis, o que resulta em práticas fragmentadas e pouco significativas. Como alerta Kishimoto (2019), “o brincar só se torna pedagógico quando é compreendido, valorizado e intencionalmente inserido no planejamento educativo”.

Apesar dos desafios, há também **potencialidades significativas**. A criação de **ambientes ricos em estímulos simbólicos**, como cantinhos temáticos, caixas de dramatização, figurinos e materiais não estruturados, favorece o surgimento de brincadeiras complexas, cheias de significados e oportunidades de

aprendizagem. A observação e a documentação pedagógica, quando bem utilizadas, permitem ao educador compreender os sentidos do brincar e reorganizar a prática com base nas necessidades e interesses das crianças.

Souza (2022) destaca que um dos caminhos mais promissores é a adoção de uma **escuta ativa e participativa**, em que o professor reconhece a criança como sujeito de direitos e produtor de cultura. Isso implica compreender que o faz de conta expressa não apenas desejos e fantasias, mas também percepções críticas da realidade, emoções mal elaboradas e saberes em construção.

Assim, promover o brincar simbólico na pré-escola não é apenas permitir que a criança brinque, mas **criar condições intencionais e qualificadas para que essa brincadeira se torne uma experiência formadora**, integrando imaginação, expressão, socialização e aprendizagem.

CONCLUSÃO

O presente estudo evidenciou a relevância das brincadeiras simbólicas, especialmente do faz de conta, como práticas fundamentais para a aprendizagem e o desenvolvimento integral das crianças na pré-escola. Com base em autores como Vygotsky, Piaget, Kishimoto, Oliveira e Souza, ficou claro que o brincar simbólico não é apenas um momento de diversão ou distração, mas uma linguagem por meio da qual a criança interpreta, representa e ressignifica o mundo ao seu redor, articulando cognição, emoção, imaginação e socialização.

A análise demonstrou que o faz de conta é um espaço privilegiado para o exercício da autonomia, da criatividade, da empatia e da linguagem oral, sendo essencial para o fortalecimento da identidade e das competências socioemocionais desde a infância. Quando valorizado e mediado de forma intencional pelo educador, o brincar simbólico torna-se uma poderosa ferramenta pedagógica, capaz de promover aprendizagens significativas em consonância com os direitos de aprendizagem estabelecidos pela Base Nacional Comum

Curricular (BNCC) e pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

Contudo, persistem desafios na efetivação dessas práticas no cotidiano das instituições de Educação Infantil, como a visão reducionista do brincar, a fragmentação da rotina escolar e as limitações na formação docente. Diante disso, torna-se urgente investir na qualificação dos profissionais da educação para que compreendam o brincar como um direito e uma estratégia educativa essencial, reconhecendo os saberes infantis como legítimos e valorizando a cultura lúdica como elemento estruturante do currículo.

Por fim, espera-se que este estudo contribua para o fortalecimento de uma pedagogia da infância que respeite as especificidades do desenvolvimento infantil e promova práticas pedagógicas que tenham o brincar simbólico como eixo central. Reconhecer o poder do faz de conta é, em última instância, reconhecer a criança como sujeito ativo, criador e capaz de construir conhecimentos de forma significativa, prazerosa e humanizadora.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Brasília: MEC/SEB, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Brinquedos e brincadeiras na educação infantil.** 9. ed. São Paulo: Pioneira, 2019.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação infantil: fundamentos e práticas.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2021.

PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança.** 2. ed. São Paulo: Summus, 1998.

SOUZA, Luciana Mello de. Brincar é coisa séria: práticas lúdicas na escola infantil. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 2018.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2016.